

Medicina

Novos caminhos contra o câncer

Com 14 novos especialistas e estrutura integrada, Rede Américas aposta em pesquisa, tecnologia e atendimento de alta complexidade para acompanhar o crescimento dos casos da doença no país



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

POR SIBELE NEGROMONTE E GIOVANNA KUNZ

O câncer ocupa um espaço cada vez mais central nos desafios da saúde brasileira. Com o envelhecimento da população e a estimativa de cerca de 700 mil novos casos por ano no país, a oncologia precisa acompanhar não apenas o aumento da demanda, mas também a velocidade com que surgem novos tratamentos, tecnologias e possibilidades de diagnóstico. Em paralelo, cresce a necessidade de oferecer ao paciente uma assistência menos fragmentada, capaz de reunir, em uma mesma jornada, investigação, cirurgia, tratamento medicamentoso e acompanhamento multidisciplinar.

É nesse cenário que a Rede Américas amplia a atuação em oncologia no Distrito Federal. A expansão inclui a chegada de 14 especialistas, oito oncologistas e seis hematologistas, e o fortalecimento da estrutura das três unidades da rede na capital. A proposta é concentrar diferentes etapas do cuidado e facilitar o acesso a tratamentos de alta complexidade, incluindo terapias gradativamente mais personalizadas a partir das características de cada tumor.

Vice-presidente de Oncologia da Rede Américas e oncologista clínico do Hospital Brasília, o médico Gustavo Fernandes acompanha de perto as transformações da área. Para ele, os avanços recentes mudaram perspectivas que, até pouco tempo atrás, eram consideradas improváveis, especialmente em casos de câncer metastático. Em entrevista, o especialista também fala sobre pesquisa clínica, novas terapias-alvo, câncer de pâncreas, envelhecimento da população, prevenção e o impacto das canetas emagrecedoras na redução do risco de câncer.

Entrevista / Dr. Gustavo Fernandes

Como funciona a atual estrutura da rede hospitalar e qual é o foco dos hospitais gerais?

Os hospitais já existiam, mas a composição da rede — a joint venture com os hospitais que eram da Dasa e da Amil — existe há cerca de um ano e quatro meses. Tirando a maternidade, os outros três (Hospital Brasília, Hospital Brasília Unidade Águas Claras e Hospital Alvorada Brasília) são hospitais gerais focados em média e alta complexidade. Falando especificamente da minha área, há um foco muito grande em oncologia, com centros especializados presentes em todas as unidades.

Todos os hospitais gerais possuem centro de oncologia? Como é estruturado o atendimento ao paciente?

Todos os três possuem centro de oncologia. Hoje, a grande questão é entender que o câncer é uma doença muito frequente e precisamos atender esses pacientes dentro de estruturas completas, onde conseguimos entregar tudo o que ele precisa de maneira não fragmentada. A coisa mais desagradável para o paciente é ter que ficar costurando suas necessidades em vários lugares. Em uma estrutura robusta, entregamos a linha de cuidado inteira: a biópsia, os exames de imagem, a consulta com o cirurgião, a cirurgia, a quimioterapia e a imunoterapia. Essa completude é coordenada por enfermeiros navegadores, orientada por um plano médico bem definido e centralizada em um único prontuário, o que facilita muito a vida de quem está em tratamento.

Em relação à tecnologia, equipamentos e creditações hospitalares, como a rede está posicionada?

Nossos hospitais possuem creditações nacionais e internacionais de altíssimo nível em segurança e experiência do paciente. No contexto de equipamentos, temos tudo o que é necessário em terapia intensiva e cirurgia. Já utilizamos cirurgia robótica há muitos anos e atualizamos recentemente nosso parque de robôs no Brasil. Com as novas indicações e coberturas, a utilização da robótica vai aumentar ainda mais. Além disso, contamos com um parque de diagnóstico por imagem completo em todas as unidades.

Como funciona a atuação no pilar de inovação e pesquisa clínica?

Temos um centro de pesquisa clínica muito bem estruturado no Brasil, fundado pelo Dr. Romualdo Barroso — que também fundou o centro de pesquisa do Hospital Sírio-Libanês comigo —, um médico com altíssimo nível de produção científica global e bagagem de quatro anos de pesquisa em Harvard. Eu também atuo ativamente como pesquisador em oncologia gastrointestinal. O Brasil tornou-se um polo extremamente relevante em pesquisa clínica. Especificamente em Brasília, temos mais de uma dezena de protocolos e estudos abertos, permitindo que os pacientes tenham acesso a drogas altamente inovadoras muito antes de chegarem ao mercado comercial.